

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fones: 226.0242 - CEP 90020-025

119  
C

SOB O SÍGNO DO UNICÓRNIO

SBAT  
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-  
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO  
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

I ATO

Pai lendo jornal, bebendo. Sala de estar, sombria. Tic-tac do re-  
lógio. Entra esposa com café, senta e fuma. Entra filha, traz algumas  
páginas com poesias escritas. Os três sentados sem trocar palavras. Mú-  
sica tema entrecortada pelos gestos e ruído das páginas do jornal. De-  
nota-se grande tensão.

GENRO - (Voz dentro ou silhueta em penumbra. Outro espaço)  
Quem? Quem?

(Pai fecha jornal. Mãe para com a xícara perto dos lábios. Filha  
suspira olhando para origem do som)

PAI - Maníaco...

FILHA - Já fazem três dias, será que não vai parar?

MÃE - Isso é caso de internamento...

PAI - Não se preocupem isso passa... Eu sei o que estou dizendo.

MÃE - Há três dias não sai do quarto. Não come nada. Não se comunica.  
Quando vai tomar água ou ao banheiro parece um fantasma. Passa  
pela gente duro como um morto vivo... É caso de internamento...  
Estou avisando...

PAI - Eu sei o que é isso... Mas vou ter o prazer de vê-lo de grava-  
ta... Atrás de uma mesa de repartição pública... crachá de i-  
dentificação no peito... solícito e comportado... De gravata!

FILHA - Os empregos estão difíceis, ele já tentou vários. Até pesquisa  
de mercado... venda de enciclopédias... O que ele não quer é  
vínculos... Tem escrito poesias.

MÃE - Também... não sabe o que quer... Vive com a cabeça nas nuvens.

GENRO - (Outro foco ou Off) Quem? Quem sou?

PAI - (Olhando os escritos) Se poesia enche-se barriga acabavam os  
problemas do teu marido.

FILHA - Isso é meditação dinâmica, diz ele. É do Rajneesh...

MÃE - Todo de vermelho... Credo, parece um camarão alienígena!

PAI - Rajneesh ... pois sim. Meditação dinâmica, meditação caótica, pois sim. Rajneesh... Isso é mais um camelô indiano. Vocês já viram esses camelôs nordestinos vendendo poções mirabolantes? Panacéias, que curam desde espinhela caída até impotência sexual...

FILHA - Dizem que é um grande filósofo...

PAI - Um grande camelô isso sim. Vendendo água na beira do rio... E essa é agora a grande aquisição intelectual do meu filosófico genro? E quando vocês tentaram morar sozinhos?... Quase morreram de fome. Órgulhoso, ele. Saiu de cabeça erguida...

FILHA - Mas foi porque você gritou comigo!

PAI - Berrcu... Quis me bater...

MÃE - Foi o maior escândalo na vizinhança.

PAI - Depois voltou. Aceitei vocês de volta porque você é minha filha.

GENRO - (Off ou outro foco) Quem sou eu? (se debate, suando e gemendo. se joga contra as paredes)

FILHA - Já estou acostumada com suas loucuras.

MÃE - Eu não aguentava...

PAI - Deixa estar. Eu compreendo. Também tive minha fase mística, minha procura transcendental. Conheço todas essas correntes de pensamento... Após a guerra isso estava tão em voga quando agora. Me lembro da história de um samurai, com essa mesma pergunta a respeito da natureza última. "Quem sou eu?" Lá estava ele: punhal espetado na barriga e uma vela na mão. "Se eu não obtiver a resposta enquanto dure esta vela, faço o honorável haraquiri" Diz a lenda que quando queimou a mão com a última chama da vela, gritou de dor e assombro. Havia atingido a iluminação! Mas esse aí, arriscaria a vida por uma resposta? Pois sim !

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Ela não é tão louco, não se preocupem... Está apenas protelan-  
do a entrega. Mas ele vai se entregar ao princípio da realida-  
de. Issa é uma rebeldia natural. Mas a ordem natural das coi-  
sas vai se impor... Não se preocupem...

GENRO - Quem sou... Quem... (sapateando, alucinado)

MÃE - O que não devem pensar os vizinhos... Meu Deus, que vergonha...

PAI - Todos sabem que ele é "excêntrico". Não se preocupe. O que ele quer  
é isso mesmo: chamar atenção.

FILHA - (Lendo com fervor místico enquanto voz de genro faz fundo la-  
mentoso, suplicante)

Quando aquele que procura se perde  
Só então a meta é atingida  
Quando já não existe o experimentador  
A experiência ali está!  
Não procure e encontrarás!  
O próprio fato de procurar,  
O próprio esforço, torna-se uma barreira,  
Porque quanto mais procurares  
Mais o ego se fortalecerá como  
Também aquele que procura.  
Não procures... Não procures...

Bagwan Sree Rajneesh

GENRO - (Submersão em contemplação mística)  
É isso! Não é possível... É isso... É isso!

MÃE - Pelo menos mudou o repertório!

GENRO - (Entra, olha para todos e dá uma estupenda, magnífica gargalha-  
da)

BLACK

II ATO

Luz abre, Casa alegre, Flores. Música. Mãe e filha em cena arru -  
mam a mesa.

FILHA - O trabalho de sociologia está quase pronto. Mas tenho minhas dú -  
vidas...

MÃE - A respeito?

FILHA - A origem da família, da propriedade, sei lá. Me parecem hipóte -  
ses muito hipotéticas (ri) Já faz muito tempo para que se tenha  
certeza. No entanto eles querem explicar tudo.

MÃE - Já os índios são mais simples. Quando indagados respondem: é  
assim, no tempo dos ancestrais era assim, por que TUPÃ fez as -  
sim, e pronto. O Branco não. Vive cavocando, a cata de ossos ,  
de reminiscências, de história. Se alimenta do passado, da mor -  
te... Os índios sim, vivem no presente.

FILHA - Viviam, mãe, viviam. Não esqueça que os índios agora são remi -  
niscências pra branco estudar (ri). Mas como está entendida em  
indianismo, heim? Baixou o Vila Boas?

MÃE - Igual ao pai. Sempre achando que sou burra. Acho que sou mesmo.  
Pois essa matéria, sabe, etnologia sempre me agradou. Eu prepa -  
rava as aulas para o curso básico com a maior facilidade. Era  
tão simples sentir o que os índios sentiam quando voltavam de  
uma caçada (risadas fora se aproximando) na aldeia tudo era sim -  
ples. Os totens. Os tabus. Era só obedecê-los e pronto, tudo es -  
tava em paz (sonhadora) Envelhecer era bom, tranquilo. Contar  
histórias do passado sem especulações exageradas. Sem intellectu -  
ais... sem intelectualismo...

Entra pai e genro, estão os dois de terno e gravata. Bem penteados.  
Abraçados e sorridentes.

PAI - Chegaram os trabalhadores famintos.  
Tem comida?

FILHA - (baixa) Telepatia...

GENRO - Heim?

FILHA - Telepatia!

GENRO - Telepatia? Ah! sim! Visualizou teu maridinho adorado vindo pelas ruas ensolaradas, e, plim! Ei-lo que se materializa à hora de sempre! Foi?

FILHA - É... mais o menos isso (ri)

MÃE - (baixo) Os caçadores.

PAI - Como?

MÃE - Vou buscar comida para os guerreiros (sai)

PAI - Guerreiros? que guerreiros?

FILHA - A gente tava falando no meu trabalho de antropologia social. Caçadores nômades com suas tribos...

PAI - Ah! disso eu entendo. Antropologia é a minha grande paixão.

GENRO - Minha perdição... (pai olha. Genro disfarça) Tua filha minha perdição. (morde o pescoço dela) grr! grr! sou antropófago!

Mãe - (Entrando) Que é isso? Olha as boas maneiras. Olha as boas maneiras à mesa dos civilizados. Não estamos numa tribo, afinal...

Pai, filha e genro gracejam imitando antropóides

PAI - Qual é a dúvida minha filha?

GENRO - (subindo em algo) Qual a dúvida mia fia?

FILHA - A família... a propriedade...

PAI - A concepção de Freud sobre o assunto é a seguinte: o homem vivia em bando...

GENRO - A família era uma horda. O homem era ainda muito animal (sempre imitando macaco)

FILHA - Horda... animal... (macaqueando)

PAI - Com bases em estudos e hipóteses antropológicas e em hipóteses sobre a evolução das espécies, respaldado principalmente por trabalhos de Atkinson, Robertson Smith e Darwin, Freud supôs que os primitivos viviam sob a chefia de um macho mais velho, que deveria ser o pai dos mais novos.  
(sobe numa cadeira e bate no peito, tipo gorila)

GENRO - Fêmeas velhas e novas faziam parte do bando e seriam as mulheres e filhas do macho. (aponta as mulheres e ri) O chefe seria considerado senhor e dono de todo o grupo: certamente um tirano violento que expulsava, matava e castrava aqueles que lhe desobedecessem, principalmente os machos mais novos - seus próprios filhos...

PAI - ... que pretendessem possuir suas fêmeas ou apoderar-se dos seus pertences...

GENRO - Bem, o resultado é que esses "traidores" se reuniam matavam e devoravam o chefe, <sup>em</sup> complo com as mulheres-mães.

MÃE - Bem feito!

FILHA - Assim eles matavam a fome e assimilavam a força e o poder do chefe que comiam, não é mesmo?

GENRO - Até Cristo divulgou o canibalismo!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0342 - CEP 90020-025

MÃE - O que é isso? Tu já está misturando as coisas. Tem paciência.

GENRO - (Ritualístico) "Tomai e comei esse é o meu corpo"

PAI - Introjeção dos aspectos bons do objeto amado. E como os filhos amavam o odioso pai que era forte, poderoso e "bem dotado" (os outros riem) comemoravam sua morte de maneira ritual. Substituíam o pai por um carneiro e o comiam coletivamente. Assim dividiam as culpas e incorporavam a força do animal-deus.

GENRO - E todos aqueles que se submetiam ao mesmo totem (empilha objetos) eram do mesmo clã, tinham as mesmas leis e tabus. Em respeito ao pai comum foi proibido o incesto, e em consequência a concorrência entre os irmãos, que se tornaram família, defendendo o clã e a propriedade mútua (se presta com a filha diante do totem que se não forem objetos empilhados pode ser o pai)

mimando uma crucificação)

MÃE - (Distanciada da brincadeira-ritual, mas afetada por ela como por um mau pressentimento)  
Vamos comer. Está esfriando! (Todos sentam e comem em silêncio)

PAI - Acho que se eu tivesse sido apenas um comerciante não seria bem sucedido. Para ser um bom gerente é preciso ter cultura, conhecer todos os assuntos, principalmente os humanísticos. Impressiona os clientes.

MÃE - E pelo jeito ele está se adaptando muito bem ao emprego...

FILHA - Eu quase não acredito. Quando eu penso que...

GENRO - (seco) Milagres aconteceram!

FILHA - Quando eu penso que você não parava nos empregos, porque brigava com os patrões e incitava revolta nos colegas. Não se permitia ter um cargo superior. Dizia que seu curso universitário não representava nada. Que era um fruto roubado dos mais pobres. Que a cultura acadêmica é podre!

GENRO - (Irônico) Eu pensava assim?

FILHA - Não lembra? Você era um militante andrajoso. Me tomava pelo braço e me levava para as passeatas de protesto. Quanto banhos de mangueira... Quanto gás lacrimogênio...

MÃE - Eu quase morria de aflição!

GENRO - ... Era utópico...

FILHA - E seus companheiros onde estão?

MÃE - Os hippies aqueles? Que não trocavam de roupa? Tinha um que me deixava apavorada. Aquilo não é gente, é uma coisa!

FILHA - Preconceito. Olha o preconceito, mamãe!

MÃE - Faz favor né. Um pouco de higiene não vai mal a ninguém...

- GENRO - Uns parasitas. Passam os anos e eles não se movem, feito umas amebas, uns sanguessugas dos parentes. Eu devia ter um complexo de culpa muito grande para levá-los às costas.
- PAI - Todos temos a fase de querer salvar o mundo. (para filha) Ele teve a chance dele... Não acha ele melhor agora?
- FILHA - Não é isso. É que realmente...  
Todos falam, sabe. Estranham...
- MÃE - Invejosos!
- FILHA - É, que se danem! Bem eu vou indo. Quero acabar o trabalho e entregar hoje mesmo. (Beija marido e pai)
- MÃE - (Tirando a mesa) Boa Sorte!
- GENRO - Eu te ajudo a lavar a louça!
- PAI - (Faz cara de desagrado)... Eu vou deitar um pouco... (Saindo)  
Depois eu quero o cafezinho.
- GENRO - (Depois de um silêncio) Ela volta quando?
- SOGRA - Quem, a empregada?
- GENRO - É...
- SOGRA - Não volta.
- GENRO - Ué, porque? só um dia...
- SOGRA - Não deixou eu revistar a bolsa...  
Tu precisava ver a cara dela. Quando eu falei que ia revistar a bolsa ela ficou branca. Muda. "Ué, porque?"  
"Porque eu sempre revisto no final do dia"  
"A senhora não tem direito de fazer isso"  
"Claro que eu tenho" e fui pegando a bolsa dela mais ela puxou da minha mão. Tem uma força...
- GENRO - É, ela é bem grandona. Você se arriscou...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SOGRA - Daí ela disse. "Não vai mexer não"

Bem, então tentei argumentar, sabe como é; aquela baita megro-na falando alto comigo, me enfrentando. "Pois é minha senhora" A essas alturas chamei até de senhora. "Pois é minha senhora, agora é costume nas casas de família, nas fábricas, etc, revisar os funcionários.

Não é desconfiança, sabe, é só uma medida preventiva".

"A minha bolsa a senhora não abre, que desaforo! Nas fábricas eles fazem isso mas tem um aviso lá, bem grande, dizendo que eles revistam. Mas aqui não. Lá na agência não me avisaram. Nem a senhora falou. Na minha bolsa, não mexe, desaforo!" E an dava de um lado para outro. Acontece que eu estava entre ela e a porta. "Então eu chamo a polícia" eu disse.

GENRO - Bom, daí ela se apavorou...

SOGRA - Nem te conto. "A senhora não vai fazer isso" "Vou" e fui para o telefone.

"Espere, eu entrego." Voltei triunfante e ela abriu a bolsa. Me nino! Ela só tinha pegado porcaria, sabe, miudeza. Bombril, sa bão, coisinha assim de limpeza. Fiquei até com pena. Devia estar precisando. Ela começou a chorar e dizer que foi loucura dela, que ela não costumava fazer isso.

Bem pra te encurtar a história, fiquei com tanta pena dela que dei as coisas pra ela levar. E disse que desculpava, que ela voltasse, que empregadas estavam difíceis. Voltou? Que nada meu filho, nunca mais!

GENRO - Que história! Só contigo acontece essas. Mas deixa que eu te a judo a tirar a mesa...

SOGRA - Ele não disse que isso é serviço de mulher?

GENRO - Isso ele acha. (Silêncio) Serviço de homem, serviço de mulher ... Que coisa mais reacionária. Aposto que essa discriminação foi feita por um homem! (Ri alto, olha para mãe) Não acha? (Ela ri sem jeito) Fui criado por irmãs, sabe? Minha mãe tra balhava fora para nos sustentar e eu por ser o caçula, fui a-graciado com escola pública e serviço caseiro. Minhas irmãs não tinham isso de trabalho de mulher. Que eu escapasse de la var a louça pra ver... Apanhava de cordão de ferro elétrico da irmã mais velha. Ela também me obrigava a decorar: taboada e an-dar sempre limpo. Quanto ódio eu sentia dela. A do meio me pro

tegia com o próprio corpo. Me mimava... me contava histórias para dormir.

Já a menor era quem me emprestava o vestido (ri). Eu tinha pouca roupa e ela me emprestava o vestido depois do banho. O Chuveiro era frio e ela me esfregava com força para ter certeza que eu estava bem limpo. Era meu companheiro de peraltices e também minha rival e delatora... (olhando para ela) Você ... Não sei porque... me dá um sentimento de passado, saudade da irmã contando a história do "gato de botas" (silêncio) Você é tão bonita... (os dois se olham, cada qual num canto da mesa, genro faz um cavalheiro em pantomima, apanha uma flor invisível e oferece)

Uma flor... para uma bela senhora...

(Sogra ri e agradece encabulada, tentando a pantomima, Genro tenta abraçá-la, ela enrijesce o corpo. Genro afasta o corpo, irritado.)

Me enganei! Você é diferente, bem diferente da minha irmãzinha. Você é dura. Você... Você... é reprimida. (Sogra recomeça com a louça) Nunca vi você dar um abraço em alguém. Um abraço solto, de enconstar o corpo inteiro. Sempre dura, sempre rígida. Desconfiada... A distância (cínico)

Mas eu sei de onde vem isso.

Eu sei muito bem... Filhinha me contou...

SOGRA - (Tentando controlar-se) Contou o que?

GENRO - (Satisfeito por ter atingido) Contou muitas coisas. Aliás depois disso comecei a entendê-la melhor...

SOGRA - Como assim?

GENRO - Você não acha que ela era muito nova para ser tua confidente, ouvir tuas lamúrias... teus fracassos? Porque você acha que ela odeia o pai? Porque ele te queimava com cigarro, e outros barbarismos. Você contou a ela e ela contou a mim... eu sei tudo. Contou que na rua você andava alguns metros à frente dele porque ele adorava ver os homens mexerem com você, te chamarem de gostosa... claro que você só podia pintar os homens com uma imagem monstruosa...

SOGRA - Você não tem o direito de...

GENRO - E me contou do cinema!

SOGRA - Cala a boca!

GENRO - Fique quieta você, pois agora eu vou até o fim. Vou dizer tud pra ver se você entende...

SOGRA - (Chorando) Cala a boca... Por favor... Por favor...

GENRO - Foi no cinema... Parece que estou vendo tudo. Parece que eu estava lá. Você foi com a irmã menor e sentou lá na frente, lá perto da tela. Aí ele chegou, o desconhecido. Um adulto, desconhecido. O cinema estava quase vazio, mas ele sentou no seu lado. Lá pelas tantas a mão dele pegou a sua. Você não reagiu, porque? A mão foi levando a sua para junto dele, para o colo dele... Você não reagiu... (Os dois estão quietos) É por isso que você não quis me abraçar, não é? Você teve medo de sentir aquilo de novo, não foi? Responde !!!  
(Sogra sai quase correndo, genro fica aturdido depois caminha lentamente para o sofá. Cai prostrado como se tivesse feito um grande esforço. Tempo. Entra o sogro tentando controlar uma recente crise cardíaca. Não quer preocupar os da casa) genro por sua vez tenta dissimular o ocorrido com a sogra)

SOGRO - Que estranho o sonho que tive...

GENRO - Já deu pra sonhar. Puxa! Dez minutos!

SOGRO - Por isso é que é estranho. Assim que eu deitei, me senti afundando como num poço, num túnel escuro. Depois me lembro de uma selva. Uma selva, densa, escura...

GENRO - Ora, selva... É porque falávamos em antropologia, macacos, tribos...

SOGRO - Pode ser, pode ser (distante). Você estava comigo. Estávamos caçando, eu e você.

GENRO - Não disse! tribos... caçadas...

SOGRO - Porém, tínhamos rifles! Moderníssimos, desses infalíveis... De repente você se afastou... eu segui sozinho por uma trilha sombria.

Estava andando como um transe, sem a mínima atenção de caçador que aparentava ser. Pra falar a verdade eu não tinha consciência do "que" estávamos caçando. É como se tivéssemos caído na

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

queela selva com idumentária de safari. Foi quando você me chamou. "Deve ter encontrado a caça", pensei, e corri ao teu encontro. Só que você me chamava e a tua voz vinha simultaneamente de vários pontos, não conseguia te localizar. Achei que você corria perigo. Fiquei apreensivo, procurando por todos os lados. De repente, quando entrei numa clareira, tua voz soou nítida às minhas costas. Voltei-me e... Fiquei petrificado de espanto. Havia um cavalo, negro, refolegante, relinchando ameaçador sobre as patas traseiras! Era um animal fantástico, tinha um chifre pontiagudo na cabeça...

GENRO - (Surpreso) Um unicórnio??

SOGRO - Sim! E estava enfurecido... Ia me atacar. Foi aí que compreendi o que estávamos caçando. Levantei o rifle e puxei o gatilho. Acertei no pescoço. Mas o espaço era pequeno e ele veio sobre mim. O pelo negro, reluzindo, o sangue brotando as golfadas. O relincho dele foi a última coisa que ouvi... parecia uma gargalhada... tinha algo de humano... o chifre atingiu-me no peito e a dor do impacto me acordou!

GENRO - Impressionante...você sonhou com um Unicórnio!!

SOGRO - Eu sei... ainda está doendo...

GENRO - Vou buscar o remédio (sai)

SOGRO - (para si) A gargalhada era a dele.

GENRO - (Voltando com a medicação sublingual) Quer que eu ligue para o médico?

Hoje você não vai trabalhar, eu substituo.

SOGRO - Não, não. Estou bem. É de fundo emocional. Nada grave... O animal era fabuloso

GENRO - (rindo) E não é pra menos, tu não tá mais na idade de sair por aí caçando unicórnios, convenhamos...

SOGRO - E a mulher? Saiu?

GENRO - (dissimulando) Se irritou com a louça, coitada... Tomara que con-  
siga uma empregada que pare no emprego.

SOGRO - É, não está fácil... Escuta, talvez seja indiscreto, mas preci-  
so te falar uma coisa...

GENRO - Indiscreto?

SOGRO - Tenha você por um filho, ... Mais que um filho... com você eu  
compartilho minhas idéias, meus interesses... minha experiência!  
(Tempo) Você sabe que eu não sou de me abrir assim... não sou  
afinal... um... um sentimentalóide.

GENRO - Continua...

SOGRO - Filhinha é minha única filha... Só tenho ela e você...

GENRO - E Max?

SOGRO - (Com desagrado) É de quem eu não posso esperar nada. Nem netos!

GENRO - Nunca se sabe...

SOGRO - Filhinha é muito inteligente. Era muito rebelde. Nunca lhe dei  
o afeto que merecia. Sabe como é, início de carreira, a gente  
não tem tempo para os filhos. Mas agora ela está recuperando to-  
do o carinho que não dei, com você.

GENRO - Ela é maravilhosa!

SOGRO - Vocês! Vocês são maravilhosos. Até se parecem muito. Seguros de  
si. Fortes. Foi por isso que sempre gostei de você. Você me pa-  
receu forte quando nos conhecemos, confuso, mas forte. Eu tam-  
bém era assim quando novo!

Arrogante, senhor de mim, violenta, rebelde. Mas um dia a razão  
venceu e eu tomei jeito... me endireitei. E você? Com você foi  
o mesmo, não foi?

GENRO - (Introspectivo) o mesmo...

SOGRO - Todos estranham. Eu não, comigo também foi assim. Porque você  
não iria mudar?

GENRO - Mudei...

SOGRO - A mulher vive me perguntando o que aconteceu com você. Momentos antes de ir para uma clínica, resolve inverter tudo. Olhou para nós como se nos estivesse vendo pela primeira vez, deu uma gargalhada estupenda e saiu. Quando voltou tinha se operado o milagre.

As mulheres chorando. Eu arrependido de não tê-lo internado a tempo e você entra por aquela porta de cabelo cortado, bem trajado e me chamando de paizinho. Lembra como nos abraçamos todos? Lembra?

GENRO - Lembra, paizinho. Mas a respeito de que voce ia falar (tenso).  
(Sogra entra, fica escutando)

SOGRO - A risada - Esse sonho me despertou uma sensação muito esquisitosa... Eu levei anos pra me adaptar ao sistema, para... abandonar os delírios... as utopias. E você? Entendeu tudo de uma hora para outra. O que aconteceu naquele dia?

GENRO - (Levantando) Não vou cair no erro de mistificar o ocorrido. Não aconteceu nada. Se os outros quiserem mistificar, achar queouve alguma coisa que o façam. (tenso) Não! não houve nada. Nada percebi além de que estava procurando a cabeça que sempre esteve sobre os meus ombros! (Sai de ímpeto)  
(Sogra fica sentado, patético, sogra se aproxima)

SOGRA - Quer um café? Está pronto.

SOGRO - Quera...

(Sogra sai e volta com o café)

SOGRA - Adocei a seu gosto...

SOGRO - Obrigado...

SOGRA - Você está bem?

SOGRO - Estou...

(Luz vai baixando em resistência enquanto sogro bebe o café.  
Sogra em pé ao lado. Retrato de família)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

## QUADRO

(Luz abre em resistência. Filha na cama escrevendo, genro entra vindo do trabalho, vai tirando a roupa, lento)

FILHA - Demorou tanto...

GENRO - Muito trabalho, balanço... compensação... um saco...

FILHA - Pois é... finalmente entreguei o famigerado trabalho...

GENRO - Conseguiu terminar?

FILHA - Na biblioteca.

GENRO - Ainda bem. Um trabalho a menos na tua vida.

FILHA - Graças a vocês.

GENRO - A quem?

FILHA - Vocês. Tu e o pai. Hoje na hora do almoço me esclareceram um monte de coisas. Aliás, tu me espantou.

GENRO - Porquê?

FILHA - Parecia o pai falando. Com conhecimento de causa... onde aprendeu tanta coisa?

GENRO - Ah! são hipóteses freudianas. Não se pode comprovar. Estrapolações. Teorias.

FILHA - Mas você parecia tão seguro...

GENRO - É o método do professor, do pai, do patrão: representar bem o papel. Acreditar... Aparentar que acredita... que tem certeza até nas coisas mais obscuras. Principalmente nas coisas mais obscuras. Assim a sua eloquência parece descobrir verdades, desvendá-las, lançar luz sobre as trevas. Mas qual, todos se movem no escuro, sonhando com clareza e só acordam quando trombam nas paredes, nos muros. Aí se dão conta do que eram suas teorias, seus códigos, seus conhecimentos. Há uma parede na sua frente! Há uma parede na sua frente e não sabem como transpô-la!!

FILHA - Não entendo... Você quer dizer...

GENRO - Daí, sabe o que eles fazem? Os nossos sábios. Os nossos guias! sabe?

FILHA - Não entendo...

GENRO - Dão às costas à parede e voltam a sonhar (ri nervosamente) A segurança dessa civilização é um ópio nauseabundo, dormem. Dormem e o mundo que se foda!

FILHA - E você, não dorme?

GENRO - Durmo. Durmo e tenho pesadelos! (senta-se na cama)

FILHA - Eu não compreendo você, sabe? Você parece tão feliz, tão adaptado. Passa horas discutindo com o pai e... os dois... parecem ter o mundo nas mãos.

Quando eu ou a mãe estamos de baixo astral, vocês, um acessora do pelo outro explicam a origem psicanalítica do mal. Depois abrem a janela e nos jogam a luz do sol por cima. Nos fazem esquecer. Nos divertem. Nos distraem.

E como são exímios nisso! O pai ao seu lado remoja anos, parece uma criança.

Daí a gente acaba acreditando que vocês tem razão. Aí, a gente fica até culpada de baixar o astral da casa com nossos insignificantes probleminhas. Aí, a gente fica alegre, e se não esqueceu faz de conta que esqueceu, só pra deixar vocês felizes. E agora se entendo bem... você diz que é tudo mentira, que é uma farça a tua cara alegre, teu terno, teu banco. Sim, parece que agora eu entendo... Mas porque?

O porque eu não entendo!

GENRO - (Deita-se e vira na cama)

FILHA - Não, não dorme! Responde. Eu sempre achei que alguma coisa não estava bem. Sempre percebi um fio esticado, tenso, por trás da tua aparente tranquilidade. Você sempre se esquivou e o pai é teu cúmplice. Parece que ele sabe o que é e tem medo que venha a furo, que estravasse como um vulcão e nos destrua a todos. Você agora disse alguma coisa... Vá até o fim. Cansai de dormir com um mistério. Sabe, a noite, você se debate, geme, como um animal em agonia, que vai morrendo aos poucos... É nessas ho-

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ras, em que estou acordada te olhando, que eu sinto o você an-  
tigo... o você verdadeiro... o você angustiado. Me diga onde  
está o você que tinha dúvidas? O que debatia comigo? O que di-  
vidia comigo o futuro, o medo do futuro? Onde está o você por  
quem eu me apaixonei um dia. Onde está?

GENRO - (Neutro) Está MORTO!

FILHA - Não, não está. Agoniza, mas não está morto. É preciso salvá-lo!

GENRO - Para que? (Neutro)

FILHA - Porque... Porque ele é você!

GENRO - É bom que ele morra!

FILHA - É bom que morra você seu "Sabe-Tudo". Seu Hipócrita. Seu "Mode-  
lito Burguês". Seu "American Way of life". Seu "Métodos e res-  
postas para tudo" Saia daqui! (empurra genro)

GENRO - Você ficou doida. Para com isso!

FILHA - (Empurrando) Saia do meu quarto! Quero meu homem de volta (gen-  
ro sai) (Um minuto depois genro volta lentamente, se aproxima  
da cama e começa acariciá-la, filha soluçando)

GENRO - Estou aqui... aqui... Você tem razão.  
Eu não morri ainda, nem vou morrer se você me ama. Me ama?

FILHA - Eu amo, eu amo!

GENRO - Naquele tempo, sabe, a minha angústia só me permitia ver a mim  
mesmo e ao meu desespero, e era só isso que eu via. Agora não,  
eu posso ver você. Tocá-la. Antes eu olhava um espelho, às ve-  
zes eu dividia o espelho com você. Mas era sempre um espelho.  
Agora é uma janela que eu vejo e lá fora está o mundo e nossa  
espera!

FILHA - Eu te amo! (Abraça-o, tomando iniciativa do amor)

GENRO - Vamos embora?

FILHA - Vamos!

GENRO - Pra qualquer lugar?

FILHA - (Sobre ele) Pra onde você me levar.

GENRO - Já temos algum dinheiro. Podemos ir longe...

FILHA - Vamos! Vamos criar gansos!

GENRO - Gansos...?

FILHA - É, gansos! Não é fantástico!

GENRO - Minha pastora de gansos!

(Daqui por diante só os ruídos do amor e resistência baixando enquanto o casal executa uma coreografia simbolizando a evolução da sua relação até o fim da vida. Termina a cena com os dois mortos abraçados.)

Fim do segundo ato

## III ATO

Sogra em cena acendendo velas diante de um altar  
Entra sogro bem mais velho, Abatido

SOGRO - Que é isso, minha casa virou casa de feiticeiros?

SOGRA - Alzira recomendou...

SOGRO - Alzira. Sempre Alzira!

SOGRA - Ela sabe o que diz, já operou milagres...

SOGRO - Hum... Depois de velha, supersticiosa.

SOGRA - (Suplicante) Porque você é tão descrente? Se ao menos fosse co  
nhecê-la...

SOGRO - Para que? Como se eu não soubesse do que se trata.

SOGRA - Olha! Terça-feira tem reunião. Vai até gente importante. Gente que antes tinha preconceitos, como você. Gente culta. Alzira não é dessas charlatãs que andam por aí. Ela sabe o que diz. Tem visões. Fala com os espíritos. É um fenômeno que a ciência não explica. Tu tens que entender...

SOGRO - Eu entendo, é por causa de Max, não é?

SOGRA - É.

SOGRO - E você acha que a Alzira vai resolver?

SOGRA - A doença está se alastrando. Antes quando era só nos Estados Unidos eu até nem me preocupava. Mas agora... Eu temo por Max, nosso filhinho. Max é teu filho, isso não te preocupa?

SOGRO - Feitiçaria não resolve.

SOGRA - Alzira não é uma feiticeira. Cuidado com o que você diz... Deus que te perdoe.

SOGRO - Qual dos deuses? O dos Hebreus? Se for esse, o que ele não perdoa é feitiçaria.

Você está pedindo guarida na casa da morte. Pois se esse deus ainda interfere no destino humano, essa doença é obra dele.

Ele é vingativo! Varre a terra com a fome e a peste. Ele consumiu com uma explosão nuclear as cidades de Sodoma e Gomorra. Sabe quem eram seus habitantes? (Em direção à sogra) Sabe quem morava lá?

SOGRA - Quem?

SOGRO - Gente igual a Max. Igualzinho a nosso filho. Aí eu me pergunto Porque os criou? Por que deu-lhes essa possibilidade? Porque deu-lhes uma serpente cega que se aninha em partes diferentes do mesmo corpo? Isso, porque não deu olhos a essa serpente? Deus amaldiçoado!

SOGRA - Não blasfema, por favor! Alzira diz que traz má sorte. Energia negativa. Deus criou o homem bom, mas ele foi enganado. Max é bom, ele é muito bom. Eu sei que ele é bom!

SOGRO - Por quem?

SOGRA - Como?

SOGRO - Por quem ele foi enganado?

SOGRA - Pelo mal, ora.

SOGRO - Pelo diabo, não é? Por Satanás, não?

SOGRA - Não diz, não pronuncia... Alzira...

SOGRO - Por Belzebu, por Lúcifer, e outros nomes mais. Foi ele então quem enganou Max?

SOGRA - Sim, sim, mas não diga, o nome tem o poder de invocar...

SOGRO - Você se esquece que ele também foi criado, não foi? Não pairava o espírito de Deus solitário, sobre as trevas, antes de criar a luz e os universos?

Tudo é criação de Deus, inclusive o malfadado Lúcifer. Se há erro então, está no Criador, que nos deu a líbido, serpente negra e cega...

SOGRA - Que serpente é essa. A do paraíso?

SOGRO - Exatamente. Mas Deus é bom. O Deus dos hebreus é justo é verdadeiro. Também nos deu uma serpente branca para equilibrar. Sim... uma serpente branca e vidente. Uma Serpente curadora e erguida. É ela quem guia a serpente cega, pelo caminho certo. Está escrito: "Homem não se deitará com outro homem". Isso diz a serpente branca, a razão, infalível e soberana. A desviada serpente negra do instinto tem que obedecer. Nenhuma força se imporá ao tribunal razão! (Se joga ao solo prostrado no auge do furor místico) Ah! FREUD... Freud agora entenda, tu também eras um profeta do povo hebreu. Como Isaías... Como Habacuc... Porém lúcido. O mais lúcido, o mais abençoado profeta que influenciou o destino humano!

SOGRA - (Muito apreensiva) Freud, profeta? você enlouqueceu?

SOGRO - (Levantando) Não, não enlouqueci. Agora compreendo tudo. Agora tudo está claro. Exatamente como os antigos profetas de Jeová, ele me ensinou a desconfiar do ocultismo, das crenças obscuras, da feitiçaria. As pessoas que as procuram abandonam o Deus verdadeiro e se perdem. Sem "Razão" não há realidade confiável. Vai até a mesa e desmancha o altar)  
Chega de cultos obscuros, demoníacos!

SOGRA - Você está doido. Não faça isso. Está destruindo a segurança da Alzira. Nosso filho corre perigo.

SOGRO - Não é meu filho, não entende? Não o considero meu filho!

SOGRA - Nojento! Desnaturado! Depois, quando acontecer o pior, não se arrependa! (Sogra no sofá, mais calma, sogra começa recompor o oratório) Eu tenho pena de você. Depois que filhinho foi embora, você ficou insuportável. Pensa que eu tenho culpa, nela se enfiar no mato com aquele doido? Sabe-se lá o que está passando, coitada! A culpa é sua! É sua mesmo, que nunca foi um bom pai. Nem com ela, e muito menos com Max!

SOGRO - (Como se não ouvisse) Comprei um cachorro...

SOGRA - (Para de falar, Olha espantada)  
O que você disse?

SOGRO - Comprei um cachorro!

SOGRA - Um cachorro?

SOGRO - Um pastor alemão. Está sendo treinado.

SOGRA - (Estupefacta) Porquê? Para que?

SOGRO - Estão assaltando as casas da vizinhança. Não se pode dormir em paz.

SOGRA - Mas você não me falou nada... Eu tenho medo... Eu não gosto... eu não quero cachorro. Olha aqui, você mesmo sempre disse que não queria animais dentro de casa. Que história é essa...

SOGRO - Os ladrões...

SOGRA - Já existe um vigia. Além do que a casa é bem trancada. Não há perigo. Você está doido? Reúna a vizinhança e contratem outro vigia. Com dois guardas estaremos seguros. Não precisa cachorro!

SOGRO - Precisa sim! A cidade está infestada de ladrões... Você parece que não lê os jornais, não vê televisão.

SOGRA - É claro que eu vejo! Mas eu não tenho medo, a proteção de Alzira vale por cem cachorros!

SOGRO - Vai nessa! É um pastor lindo, você vai gostar... A gente pode até sair juntos. Nós três e...

SOGRA - Não, não, não. Se você me quiser dentro desta casa é sem cachorro. Eu vou sair, hoje tem uma sessão especial com a Alzira. É pra mandar fluidos pro Max. Se ao menos ele escrevesse...

SOGRO - Às vezes ele escreve.

SOGRA - Quatro ou cinco linhas. Você chama isso de escrever? "Como eu e você, eu estou bem, beijos, Max". Se ele soubesse da minha aflição, por causa dessa doença maldita.

SOGRO - Escreve pra ele...

SOGRA - E eu não tentei? Mas não consigo.

Eu rasgo a carta com medo que ele não responda mais. Uma vez eu fui um pouco indiscreta com a vida dele. O que você acha que aconteceu? Fiquei um ano sem notícias. Deus me livre, eu nem toco no assunto. Faz de conta que não sei de nada. Foi o que Alziira me mandou fazer. Estou atrasada. Eu vou, mas volto logo, não se preocupe.

SOGRO - Não estou preocupado!

SOGRA - Eu sei que está. Não gosta de ficar sozinho. Não esquece de tomar o remédio. Está tão abatido... Mas eu volto logo (sai)

SOGRO - (Fica um tempo em silêncio) Não gosto de ficar sozinho... Você pensa que eu fico sozinho. Não, agora eu tenho o Sultão pra me fazer companhia (chama cachorro hipotético) Sultão! Sultão, aqui, Sultão! Vem cá! Isso meu cachorrinho (acaricia) Vamos ver se você foi bem treinado. Vejamos se é valente. Olha ali sultão, um ladião! Pega sultão! Atrás dele! (corre em direção ao altar) Ei Sultão, olha aqui, aquela feiticeira deixou o despacho dela em nossa casa. Eu já disse que não quero macumba aqui! (arrasa tudo) Que merda! Será que não mando mais nessa casa! (caminha pela casa transtornado) Minha casa... Será mesmo a minha casa. Tudo é ameaçador, como se as minhas coisas não gostassem de mim... Doidice... Maluquice! O que eu preciso é de um cachorro... Ela não quer mas vou comprar assim mesmo.

Hum! Ela acha que já comprei. Não comprei mas vou comprar, e quero ver você dizer que não! O Sultão protege bem mais que suas macumbas, viu, megera! Macumbeira! Vem Sultão, vem! Olha o bife (atira bife imaginário) Ham, Pam! pegou no ar, heim! cachorro bom esse. Eu preciso de você, sultão (confidente). Tem acontecido coisas estranhas nessa casa... Sairemos juntos! Eu e você passeando no parque Moinhos de Vento! Só eu e você. Se ela não gosta de cães, não vai conosco, ora, o azar é dela que fica sozinha! Nós vamos, não é? Olha sultão, não vá brigar com os cachorros alheios, heim. Não quero incomodação. (Parece calmo mas está muito angustiado, taquicardia)

Meu cachorro preciso de um cão bem grande. Que imponha respeito. Que só obedeça a mim. Só a mim! A cidade está perigosa. Esta casa está perigosa, os ladrões podem invadi-la a qualquer momento! Quando chego da rua, parece que já existe alguém dentro dela. Atrás da porta, no armário, debaixo da cama, no banheiro.

Até os móveis parecem impregnados de vida, parecem que se movem na obscuridade. Vibram, crescem ao meu redor. E meus passos, meus próprios passos, me fazem parar, parecem passos alheios! E no espelho, quando me olho, ele está lá; o ladrão de olhos fitos em mim! (A partir daqui ouve-se um tropel e bufar de cavalo que se aproxima) Aqueles olhos me fitando no espelho, imóveis como duas pedras, duas gemas brilhantes, se aproximam e se fundem num só olho, grande, penetrante. É então que ele me invade, se apossa de tudo o que é meu. Me congela! Sim ele está aqui, eu sinto que ele voltou! Sultão, me salva Sultão! (Tropel aumenta, sogro cambaleia em direção da porta que se abre e deixa entrar uma claridade. O tropel atinge o auge num relincho-gargalhada. Sogro para como se recebesse uma lança no peito. Uma síncope cardíaca.

FIM

Camilo de Lélis

17.07.83

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226-0242 - CEP 90020-025